



**Guia de Estudo
Encíclica
Laudato Si'**

**Comissão Geral Interfranciscana de Justiça,
Paz e Integridade da Criação
Agosto 2015**

Do Cântico das Criaturas

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória, a honra e toda a benção.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol, que nos traz o dia,
e por ele nos iluminas.

E ele é belo e radiante com grande esplendor,
de ti, Altíssimo, traz o significado.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas estrelas
no céu as formastes claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo,
pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e alegre e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa e produz frutos diversos
com coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor,
e suportam enfermidade e tribulação.

Bem-aventurados aqueles que as sustentam em paz,
porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a Morte corporal,
da qual nenhum homem vivente pode escapar.

Louvai e bendizei ao meu Senhor, e dai-lhe graças,
e servi-o com grande humildade.

Queridas Irmãs e irmãos,

Que o Senhor vos dê a paz!

É com grande prazer que nós oferecemos este Guia de Estudo para a Encíclica *Laudato Si'*. Como a preparação para a publicação da encíclica estava em andamento, a Conferência da Família Franciscana (CFF) entrou em contato conosco, da Comissão Geral Interfranciscana de Justiça, Paz e Integridade da Criação (Romans VI), e nos pediu que antecipássemos a chegada da encíclica papal. Em resposta, nós propomos a criação de um guia de estudo destinado à leitura e reflexão da encíclica. A Conferência (CFF) aceitou nossa proposta e demos início aos trabalhos.

Este Guia de Estudo é oferecido especialmente à Família Franciscana e a todas as pessoas com quem ela trabalha. Papa Francisco deixou claro que a inspiração, não somente para a encíclica mas também para seu papado, é São Francisco de Assis. Em sua carta ele comenta: “Eu acredito que São Francisco é o exemplo por excelência do cuidado para com os mais vulneráveis e de uma ecologia integral vivida alegre e autenticamente”. Somos convidados a incorporar esta mensagem no mundo de hoje, a exemplo de São Francisco, ouvindo claramente o grito dos pobres e marginalizados e o grito da terra”.

O Guia de Estudo é também oferecido a todas as pessoas de boa vontade que desejam e podem encontrar nele ajuda útil. Na *Laudato Si'*, Papa Francisco chama repetidamente ao diálogo, em todos os níveis e entre todos os interessados, a fim de enfrentar a urgente crise ambiental dos nossos dias. Que encontremos formas concretas para respondermos juntos seus insistentes apelos.

Algumas orientações muito simples de como usar este Guia de Estudo:

- Ele deve ser usado sempre com um exemplar da encíclica em mãos; o Guia foi preparado com a intenção de encorajar indivíduos e grupos a irem diretamente às palavras do Papa. Assim, as pessoas que usarão o material precisam tanto de uma cópia da encíclica quanto do Guia de Estudo.
- O Guia está dividido em sete seções, uma parte para a introdução geral e uma para cada um dos seis capítulos. Sugerimos preparar um programa de 9 encontros: um para a introdução, um para cada capítulo e um para avaliação da experiência.
- Escolha um coordenador para o programa como um todo e outro coordenador para cada encontro. O coordenador precisa lembrar aos participantes de ler previamente na encíclica a seção correspondente ao tema que será trabalhado no guia de estudo, assegurando-se que o encontro flua bem, dando oportunidade a todos de participar.
- Cada capítulo começa com um momento de silêncio, oração e reflexão. Pode-se perguntar por qual motivo o grupo está reunido? Que resultados são esperados? E então ir ao Guia de Estudo, especificamente ao sumário da seção que está sendo estudada. Ler vagarosamente, e quando um comentário ou uma citação chamar a atenção de algum participante, ou do coor-

denador, ir ao texto da encíclica e ler a seção inteira para cada citação que chamou a atenção. Deixar que haja reação dos participantes. Continuar a leitura do sumário.

- Depois da leitura do sumário, continuar a partir das perguntas para reflexão. Sempre que possível, buscar exemplos concretos para as perguntas. Como os participantes podem dar uma resposta individualmente? Como podem dar uma resposta juntos como grupo? Quais propostas concretas poderiam ser levadas à comunidade? Como poderia a comunidade local se tornar uma faísca para inflamar o engajamento em atividades de maior alcance, necessárias para enfrentar a crise global? Constantemente buscar maneiras para implementar as sugestões propostas na encíclica.
- Depois de realizar as oito primeiras seções, planejar um encontro para avaliação e celebração. O que o grupo foi capaz de realizar? Que passos são necessários para continuar o processo? Como poderia o grupo ou cada pessoa envolver outras pessoas nesta luta? Seria possível que os que participaram do estudo sejam multiplicadores e formem novos grupos?

Irmãs e irmãos, nós esperamos que este Guia de Estudo possa encorajar você a ler e a estudar a encíclica, especialmente em grupos, capazes de trabalhar em conjunto para implementar as mudanças necessárias propostas pela encíclica para enfrentar a crise ambiental atual.

Gostaríamos de assegurar que este Guia de Estudo não fosse um documento “elitista”, mas um instrumento que possa ajudar a muitas pessoas a lerem, entenderem e a colocarem em prática as palavras do Papa Francisco presentes na *Laudato Si'*. Nós estamos conscientes de que todos os ‘guias’ semelhantes a este são culturalmente limitados. Por isso nós convidamos você, da Família Franciscana ou de outros grupos, em cada região do mundo, a preparar o guia e a adaptá-lo conforme a sua realidade. Por favor sintam-se livres para partilhá-lo amplamente. Ao usá-lo, não se esqueça de dar crédito ao grupo que o preparou.

Nós rezamos para que este Guia de Estudo seja uma ferramenta útil para facilitar o entendimento da encíclica e promover um processo de conversão na vivência do evangelho.

Membros do Romans VI
(Comissão Interfranciscana de JPIC da Família Franciscana)



Introdução

O subtítulo da encíclica ‘Laudato Si’ do Papa Francisco deixa claro, já desde o início, a preocupação de fundo da encíclica: “o cuidado da nossa Casa Comum”. São Francisco recorda-nos que a nossa casa comum pode ser comparada, ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma bondosa mãe, que nos acolhe em seus braços (#1). Nossa irmã terra chora por todo o mal que lhe provocamos devido à nossa irresponsabilidade e porque “nós a vemos como seus donos e dominadores, autorizados a saqueá-la a vontade” (#2).

Devido à situação de deterioração do meio ambiente em que nos encontramos, Papa Francisco chama a todas as pessoas que habitam neste planeta a um diálogo sobre a nossa casa comum (#3). Ele cita os papas anteriores, que já demonstravam em suas reflexões uma preocupação crescente pelas questões relacionadas ao meio ambiente, comentando que essas preocupações fazem eco na reflexão de numerosos cientistas, filósofos, teólogos e grupos da sociedade civil, bem como de outras Igrejas da comunidade Cristas e outras religiões (#3-9).

Papa Francisco também comenta sobre a importância de São Francisco de Assis para a sua própria vida e ministério, e o nomeia “o exemplo por excelência do cuidado com quem se encontra vulnerável e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade”, assim indica claramente um dos temas principais da encíclica, que é a relação existente entre justiça social e cuidado com o meio ambiente.

O Papa diz que: “São Francisco nos mostra até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o compromisso da sociedade e a

paz interior” (#10). Nós somos lembrados, a exemplo de São Francisco, que se não nos aproximarmos da natureza com abertura para a admiração e o encanto, “nossas atitudes serão sempre as de dominadores, de consumidores ou de exploradores irresponsáveis, incapazes de pôr um limite aos seus interesses imediatos” (#11).

Papa Francisco deixa claro o seu apelo: “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral...” (#13), que demanda um “diálogo renovado sobre a maneira como estamos construindo o futuro do nosso planeta” (#14). Ele reconhece as dificuldades associadas a este apelo, devido não só à recusa dos poderosos, mas também devido ao desinteresse de muitos. “As atitudes que dificultam encontrar caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão desde a negação do problema à indiferença, da resignação acomodada à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de uma nova solidariedade universal” (#14).

A introdução termina com uma lista de determinados temas que perpassam toda a encíclica, ajudando a entendê-la como um todo: “...a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo; a crítica a novos paradigmas e formas de poder que derivam da tecnologia; o chamado a procurar novas formas de entender a economia e o progresso, o valor intrínseco de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida” (#16).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Papa Francisco deixa claro na encíclica que degradação ambiental e justiça social são importantes preocupações e que elas estão interconectadas. Como você experimenta essa interconexão? Como podemos fazer parte desse diálogo ao qual o papa está chamando todo mundo?
2. O nome da encíclica, *Laudato Si'*, destaca a importância de São Francisco como inspirador da carta. Com qual atitude do santo de Assis você mais se identifica?
3. Revisando os temas listados no último parágrafo, em sua opinião, quais deles são os mais importantes?

Capítulo 1: O que está acontecendo à nossa casa comum?

O primeiro capítulo da encíclica é dedicado à leitura dos sinais dos tempos e Papa Francisco observa que basta, “nós olharmos a realidade com sinceridade, para vermos que há uma séria deterioração da nossa casa comum” (#61).

Reconhecendo que existe uma variedade de opiniões com relação a isso e suas possíveis soluções, o Papa declara que somente um debate honesto entre especialistas que respeitem a diversidade de posições pode nos conduzir avante (#61).

A encíclica propõe seis áreas que exigem uma análise cuidadosa.

A primeira área a ser abordada diz respeito à poluição e às mudanças climáticas (#20). Muitos tipos de poluição afetam diariamente as pessoas. A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e a tecnologia não é a única solução para resolver o problema (#20). Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis e altamente tóxicos e radioativos. A terra, nossa casa, parece transformar-se, cada vez mais, num imenso depósito de lixo (#21). Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta principalmente os excluídos, enquanto as coisas se convertem rapidamente em lixo. Devemos aprender a preservar os recursos do presente para as futuras gerações, e limitar, o máximo possível, o uso de recursos não renováveis (#22).

Com relação às mudanças climáticas, o Papa declara que há um consenso científico muito sólido, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento global. Embora outros fatores estejam envolvidos, estudos revelam que nas últimas décadas, este aquecimento se deu devido à atividade humana e o problema se agravou pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis. Além disso, muitos pobres vivem em áreas particularmente afetadas por fenômenos relacionados ao aquecimento, e isto tem contribuído para um crescimento trágico do número de imigrantes que buscam escapar da pobreza causada pela degradação ambiental. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças no estilo de vida, no modo de produção e de consumo, promovendo medidas eficazes que sejam capazes de combater esses problemas (#23-26).

A segunda área temática diz respeito à água (#27-31). A água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância pois é indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos; e a situação é particularmente séria quanto à qualidade da água disponível para os pobres, pois a falta de qualidade acaba espalhando doenças graves e ceifa muitas vidas (#28-29). A encíclica é clara em afirmar que o acesso à água potável é um direito humano básico e universal (#30).

A terceira área temática aborda a questão da perda da biodiversidade (#32-42).

A extinção de espécies animais e vegetais, causada pela interferência humana, provoca mudanças no ecossistema e podem desencadear consequências futuras que não podem ser previstas. Estas perdas em biodiversidade não significam somente a eliminação de recursos para nós, mas representam o desaparecimento de diferentes espécies que possuem valor em si mesmas (#32-33). É necessário reconhecer que TODAS as criaturas estão interconectadas e que todas dependem umas das outras (#42).

A quarta área aborda a questão da deterioração da qualidade de vida e a degradação social (#43-47). Nós devemos levar sempre em consideração as consequências da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte e seus efeitos sobre a vida das pessoas (#43). Considerando estes efeitos, fica evidente como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro desenvolvimento integral e uma melhoria na qualidade de vida (#46).

A quinta área diz respeito a desigualdade planetária (#48-52). Papa Francisco deixa claro que “a degradação do meio ambiente e da sociedade afeta as pessoas mais vulneráveis do planeta”, os pobres e excluídos, que são a maioria da população, e que frequentemente são mencionados nas discussões internacionais como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, isso quando não são considerados meros danos colaterais (#48-49). A encíclica vigorosamente observa que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o

meio ambiente, de modo a fazer ouvir tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres (#49).

O crescimento demográfico não pode ser usado como um bode expiatório; o que nós precisamos é enfrentar a questão do consumismo exacerbado e seletivo (#50). Tais considerações nos levam à consciência de que existem responsabilidades diversificadas quando se trata de mudanças climáticas” (#52).

E por fim o capítulo primeiro fala da resposta insuficiente para os problemas ambientais (#53-59). Nos últimos

200 anos temos tratado nossa casa comum de maneira irresponsável, e ainda não encontramos uma resposta adequada para a crise, indicando que as políticas internacionais estão submissas ao poder financeiro e tecnológico (#53-54). “Qualquer tentativa das organizações sociais de introduzir mudanças na sociedade é visto como um distúrbio, baseado em ilusões românticas, ou como um obstáculo a ser evitado” (#54). Nós não podemos nos satisfazer com uma “ecologia superficial ou aparente que reforça a complacência de uma inconsequente imprudência” (#59), mas ao contrário, devemos encarar nossas crises e tomar decisões audaciosas.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Você concorda com o Papa de que a terra, nossa casa comum, corre sério risco de ser arruinada?
2. Ao longo dos últimos anos tem havido controvérsias sobre as causas do aquecimento global. O Papa diz que, embora existam outras causas, a principal é a atividade humana. O que você acha? O que podemos fazer em nível pessoal, comunitário e social para enfrentar as causas das mudanças climáticas?
3. A encíclica chama todos a reconhecer que os efeitos da crise ambiental atinge sobretudo os pobres e lembra que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem de questões sociais. O Papa também afirma que, com relação às mudanças climáticas, devem existir diferentes níveis de responsabilidade. Como essa abordagem pode incidir em nosso estilo de vida?
4. Que outras preocupações apresentadas no Capítulo 1 você consideraria importante nessa discussão sobre a crise ambiental?



Capítulo 2: O Evangelho da Criação - a visão do Papa Francisco

No Capítulo 2 da *Laudato Si'*, o Papa Francisco passa de uma exposição das várias enfermidades que afligem o mundo e a família humana, para o desenvolvimento de um projeto de “tratamento” enraizado na fé e na Bíblia. Ele começa enfatizando mais uma vez a necessidade da sociedade e da religião de estarem em diálogo: “Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que destruímos, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser desconsiderada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria. Além disso, a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão” (#63).

O Papa relembra que o ser humano faz parte do plano da criação de Deus (#65). Nós fomos criados para estarmos intimamente ligados a Deus, ao próximo e ao mundo em que vivemos; pecamos especialmente quando pretendemos tomar o lugar de Deus, esquecendo-nos de que somos criaturas, rompendo essa relação (#66). Assim somos chamados a sermos cuidadores responsáveis, em vez de pensar que o “domínio” sobre a terra e sobre as criaturas de Deus (Gn 1,28) justifica fazer o que quisermos com elas e uns com os outros (#67-69).

Papa Francisco repetidamente relembra a mensagem bíblica de que “tudo está inter-relacionado” (#70). Contemplando a obra da criação somos levados à prece de louvor e gratidão e a uma fé profunda em Deus por seu grandioso amor salvador e desejo de justiça (#72-74).

O Papa distingue a diferença entre natureza (um sistema que pode ser estudado, entendido e controlado) e criação (“um presente que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal”) (#76). Como “ordem do amor de Deus” (#77), a criação está em constante desenvolvimento e isto demanda um contínuo trabalho do Espírito Santo e da cooperação humana, assim como nossa criatividade e inventividade frequentemente evidente nas ciências (#78-81). Como pessoas que se relacionam entre si e sujeitos que são co-criadores, somos chamados a tratar os outros seres vivos como sujeitos a serem encontrados, não como objetos a serem dominados ou controlados.

Papa Francisco nos alerta: “Quando a natureza é vista

unicamente como objeto de lucro e interesse, isso traz sérias consequências também para a sociedade” (#82). O propósito e a finalidade do universo é completamente diferente: “O destino último do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada pelo Cristo ressuscitado, que é a medida da maturidade de todas as coisas... O ser humano, dotado de inteligência e amor, atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador (#83).

Esta é uma visão muito franciscana que é ampliada nos parágrafos que seguem: cada parte da criação tem um propósito dado por Deus, revela a bondade e generosidade de Deus, é interdependente e, de algum modo, revela Deus sem ser capaz de capturar a plenitude de Deus (# 84-88). Esta abordagem é muito bem expressa no Cântico das Criaturas de São Francisco (# 87), inspiração para a encíclica.

O amor pela criação, no entanto, não pode obscurecer a “primazia” da pessoa humana, e às vezes “demonstra-se mais zelo em proteger outras espécies que em defender a dignidade que todos os seres humanos compartilham de igual maneira” (#90). “Um sentido profundo de comunhão com os outros seres da natureza não pode ser real se ao mesmo tempo não houver, em nossos corações, ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos” (#91). O cuidado com a natureza é importante desde que nós não ignoremos nossos irmãos e irmãs que sofrem. Estas duas preocupações estão ligadas: “Quando nossos corações estão verdadeiramente abertos a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído dessa comunhão fraterna. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam, de alguma forma, por repercutir-se no tratamento que reservamos aos outros seres humanos” (#92).

Porque a terra e seus bens são, essencialmente, uma “herança comum”, Papa Francisco nos lembra que, nas palavras de São João Paulo II, “em toda propriedade privada pesa sempre uma hipoteca social” (#93). Nosso meio ambiente é um “bem coletivo” e de responsabilidade de todos (#95). Como cristãos, exercemos essa responsabilidade seguindo o exemplo de Jesus, que convidou as pessoas a contemplarem a bondade e a beleza do mundo, viveu em harmonia com a natureza e trabalhou com suas mãos, santificando assim o trabalho humano (#96-

98). Reconhecendo a honra e responsabilidade da nossa vocação de viver e trabalhar como Jesus o fez, podemos enfrentar com coragem as raízes humanas da crise com a qual atualmente nos deparamos.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. São Francisco reconhecia-se como um "irmão universal," chamado a viver em harmonia com as pessoas e com o mundo ao redor dele. De que maneira podemos viver melhor essa harmonia em nossas próprias vidas, como cristãos, cidadãos, trabalhadores e consumidores?
2. Você achou útil a distinção que o Papa fez entre "natureza" e "criação"?
3. Como esta encíclica pode levar-nos a ler e interpretar de novas maneiras o Cântico das Criaturas de São Francisco?
4. Dada a "primazia" da humanidade na criação, o que significa obedecer o mandamento de Deus aos primeiros seres humanos (Gênesis 1, 28), criados à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1, 26-27)?
5. Como o voto de pobreza e a tradição evangélica podem ajudar-nos a melhor entender e tratar o meio ambiente como um "bem comum"?



3º Capítulo: La radice umana della crisi ecologica

No espírito de São Francisco, o Papa concentra-se nas questões atuais, dando especial atenção ao paradigma tecnocrático dominante e seus efeitos nas pessoas e em suas ações no mundo. Ele nos pede que observemos nossa compreensão das causas da crise ecológica e consideremos as mudanças que precisamos fazer para que todos possam compartilhar dos benefícios da tecnologia. Ele apela ao diálogo para criar um panorama ético de princípios e comportamentos, e sugere várias áreas para discussão e tomada de decisão.

Em primeiro lugar, podemos dizer que fomos trazidos a uma encruzilhada pelo desenvolvimento tecnológico. Somos gratos por aqueles que melhoraram a qualidade da vida humana através da medicina, da engenharia e da comunicação. No entanto, é preciso reconhecer que houve também efeitos desastrosos. Os avanços na tecnologia são acompanhados por avanços no âmbito do poder, especialmente para aqueles com conhecimento e recursos econômicos para usá-los (o Papa cita o uso de bombas nucleares, a multiplicidade de tecnologias utilizada por regimes totalitários, e o arsenal mortal de armas disponíveis para guerras modernas). Pode haver uma tendência a se acreditar que o aumento do poder signifique um aumento do progresso. Papa Francisco ressalta, contudo, que o desenvolvimento tecnológico deve ser acompanhado pelo adequado desenvolvimento da responsabilidade humana, de valores e da consciência. A situação nos chama à busca de uma ética sólida, de uma cultura e uma espiritualidade capazes de estabelecer limites e ensinar a ter lúcido autocontrole (#102-105).

A segunda consideração é sobre a globalização do paradigma tecnocrático. Produtos tecnológicos não são neutros, eles fomentam necessidades que acabam condicionando o estilo de vida e dando formas às possibilidades sociais, ditadas por certos grupos poderosos que dominam a vida econômica e política. Esta abordagem promove a noção de crescimento infinito ou ilimitado, que é baseado, por sua vez, na mentira de que existe disponibilidade infinita dos bens do planeta (#106).

O problema da fome e da pobreza no mundo, por exemplo, não podem ser resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado. O consumismo que gera desperdício, contrasta com inaceitáveis situações de miséria desumanizadora. A partir desta percepção, Papa

Francisco ressalta que as raízes mais profundas de nossas falhas têm a ver com a direção, objetivos, significado e implicações sociais do crescimento tecnológico e econômico. É preciso perceber que a nossa busca por acumulação desenfreada de novidades tecnológicas pode conduzir a uma vida superficial (# 106-114).

Uma terceira área de preocupação é a crise e os efeitos do antropocentrismo moderno. Deus nos concedeu a terra para que nós a utilizemos respeitando seu propósito original. Não fomos chamados a dominar o mundo, mas a administrá-lo com responsabilidade. Nós somos também um presente de Deus uns para os outros. Quando, na própria realidade, não reconhecemos a importância de um pobre, de um embrião humano, de uma pessoa com deficiência, dificilmente escutaremos os gritos da própria natureza. Não devemos subestimar a importância da nossa relação com o ambiente, com os outros e com Deus. Papa Francisco nos chama a uma nova visão que seja capaz de superar os falsos argumentos dos séculos recentes. (#115-121). Ele declara: “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem uma renovação do próprio ser humano. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (#118). Para sentirem-se verdadeiramente responsáveis pelo mundo os seres humanos precisam primeiramente entender a si mesmos. O Papa exorta-nos a visitar a nossa rica tradição cristã num diálogo fecundo em três situações:

1. Relativismo prático: ver algo como sendo relevante somente quando servir imediatamente aos nossos interesses pode degradar o meio ambiente e a sociedade, promovendo uma “cultura do descartável.” Alguns exemplos citados por Papa Francisco inclui o tráfico de pessoas, o crime organizado, o narcotráfico, o comércio sangrento de diamantes, a compra de órgãos, o descarte de crianças e o comércio de espécies de animais em extinção. Programas políticos ou a força da lei, por si só, não serão suficientes para trazer mudanças; antes é a própria cultura que deve ser posta em causa (# 122-123).
2. Proteção ao trabalho: no livro do gênesis, homem e mulher são colocados em um jardim a fim de cultivá-lo e torná-lo frutífero. A partir desse exemplo, o Papa Francisco sugere que o trabalho, entendido em relação com o outro, é o que dá significado e propósito à atividade humana. Junto a esta percepção

ção está a contemplação reverencial da criação que encontramos em São Francisco. Papa Francisco afirma que quando nossa capacidade de contemplação e reverência está danificada, é fácil para nós equivocarmos quanto ao verdadeiro significado do trabalho. Ele promove o trabalho como forma de expressar nossa dignidade humana. Ajudar os pobres financeiramente é somente provisório: é preciso que se lhes permita uma vida digna através do trabalho. Ele ainda salienta que o progresso tecnológico não acontece quando o custo do produto é reduzido ao máximo às custas de uma redução da mão de obra, trocando-se trabalhadores por máquinas. Ao contrário, a criação de novos postos de trabalhos é um serviço essencial para o bem comum. Por essa razão, “é indispensável promover uma economia que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial”, e “as autoridades civis têm

o direito e a responsabilidade de adotarem medidas transparentes e firmes de apoio aos pequenos produtores e à diversificação da produção” (#124-129)

3. Tecnologia biológica: Papa Francisco afirma que a intervenção humana no mundo vegetal e animal são aceitáveis quando vai ao encontro das necessidades da vida humana. No entanto, ele observa que é difícil fazer um julgamento geral sobre a questão dos organismos geneticamente modificados. Um amplo e responsável debate, de cunho científico e social, deve acontecer, considerando todas as informações disponíveis e incluindo aqueles que se vêem direta ou indiretamente afetados por essa tecnologia. A tecnologia separada da ética dificilmente será capaz de limitar seu próprio poder, que pode ser destruidor (# 130-136)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Como membro de uma comunidade global, de que forma você acha que a sua visão de uma vida satisfatória é afetada pela necessidade de constantemente adquirir e acumular produtos de alta tecnologia?
2. Refletindo sobre a importância do diálogo com os outros sobre as raízes humanas da crise ecológica, como o cristianismo contribui para um diálogo frutífero a fim de realizar as mudanças necessárias? Ou, se você não possui suficientemente conhecimento sobre isso, como você pode adquiri-lo?
3. O Papa Francisco está muito preocupado com a questão antropológica, ou seja, o modo como entendemos a nós mesmos. Para você, qual é o sentido da afirmação: “não pode haver uma ecologia sem uma adequada antropologia”?
4. Você já se sentiu capturado pela “cultura do descartável” quando avanços tecnológicos exigem a compra de novos equipamentos sem a opção de consertar ou reutilizar os que você já possui? Seria possível encontrar uma saída para este dilema?
5. Papa Francisco enfatiza a importância da contemplação e descreve várias características do trabalho. O seu trabalho te possibilita integrar contemplação e ação? Como você vê a si mesmo promovendo estes valores?
6. Quando você compra produtos você tem consciência da forma como o produto foi desenvolvido? O processo de desenvolvimento tem respeitado o emprego de pessoas e as características inatas de plantas e animais?

Capítulo 4: Ecologia Integral

Este capítulo é muito importante porque nele o Papa Francisco define a ECOLOGIA INTEGRAL, afirmando que ela é a que “claramente respeita as dimensões humanas e sociais” (#137). Ele, então, explicita vários tipos de ecologia: a ambiental, a econômica, a social, a cultural e a ecologia da vida diária, conectando-as ao conceito de ecologia integral. O capítulo termina com um olhar sobre dois importantes princípios: o do bem comum e o da justiça entre gerações. Consideremos mais detalhadamente cada uma destas questões.

Ecologia ambiental, econômica e social: Para refletir estas três dimensões da ecologia, o Papa Francisco enfatiza a dimensão da interconectividade entre todas as coisas, “as condições necessárias para a vida e a sobrevivência da sociedade, e a necessária honestidade para se questionar certos modelos de desenvolvimento, produção e consumo” (#138). Ele nos chama a uma abordagem ‘INTEGRAL’ para enfrentar a complexidade da crise: “Nós não estamos lidando com duas crises separadas: uma econômica e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As estratégias para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (#139). Torna-se indispensável dar aos pesquisadores um papel preponderante e facilitar a sua interação com uma ampla liberdade acadêmica, para que possam apontar soluções para a crise (#140). A concepção atual de crescimento econômico oferece um entendimento limitado acerca do problema, por isso é necessário uma “ecologia econômica,” capaz de considerar a realidade de forma mais ampla, buscando uma aproximação que recorra aos diferentes saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora do ser humano (#141). Além disso, como tudo está interconectado, também a saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida. Instituições econômicas doentes irão provocar efeitos e consequências negativas na sociedade e no planeta (#142).

Ecologia Cultural: O Papa observa que “junto com o patrimônio natural, existe também um patrimônio histórico, artístico e cultural, que do mesmo modo, está ameaçado” (#143). Esta ameaça exige que se dê grande atenção a culturas locais. A visão consumista do ser humano leva a tentar resolver os problemas através de regulamentações uniformizantes e intervenções técnicas

que podem negligenciar a complexidade dos problemas locais, que requerem a participação da comunidade (#144). No contexto da cultura, Papa Francisco expressa a especial necessidade do cuidado para com as comunidades indígenas e suas tradições, enfatizando que essas comunidades não são apenas uma minoria entre outras, e sim, os principais interlocutores desse diálogo, especialmente quando grandes projetos agrários e de mineração os pressionam ou os forçam a abandonar seus espaços (#146).

Ecologia da vida cotidiana: Nesta seção o Papa Francisco aprofunda a questão da qualidade de vida que afeta a todos. Ele elogia a todos aqueles que, com criatividade e generosidade, são capazes de dar respostas às limitações da realidade, mas observa que a pobreza extrema pode trazer enormes desafios no que diz respeito à qualidade de vida. Ele menciona sérios problemas ligados à falta de moradia, à criminalização das minorias e à superlotação das grandes cidades (#148-149,152). Mas ele também menciona uma série de transformações na vida urbana que podem fazer parte de uma nova visão da nossa casa comum (#147-153). A preocupação com a vida na cidade, no entanto, não nos deve levar a negligenciar o estado de abandono no qual vivem algumas pessoas em áreas rurais, onde não chegam os serviços essenciais e onde há trabalhadores reduzidos a situação de escravidão ou semi-escravidão, sem direitos nem expectativas de uma vida mais digna (#154). A seção termina com o reconhecimento da relação entre a vida humana e a lei moral, que está inscrita em nossa natureza e é necessária para a criação de um meio ambiente mais digno (#155).

O princípio do bem comum: O Papa Francisco enfatiza que o princípio do bem comum desempenha um papel central e unificador na ética social, o qual está alicerçado no respeito pela pessoa humana enquanto tal (#156-157). Ele faz o chamado à sociedade como um todo, e em particular aos Estados, para defenderem e promoverem o bem comum, de forma especial, através da solidariedade e da opção preferencial pelos nossos irmãos e irmãs mais pobres (#157-158).

A justiça entre as gerações: O Papa define a solidariedade intergeracional como sendo a noção de bem comum entendida (estendida?) às gerações futuras. Ele comenta que a “solidariedade intergeracional não é uma questão

opcional, mas uma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que não de vir depois de nós” (#159), acrescentando também que a nossa própria dignidade está em jogo no nosso presente. Ele diz que: “O ritmo de consumo, desperdício e mudanças do meio ambiente tem distendido de tal maneira a capacidade do planeta de se recuperar, que o nosso estilo de vida atual, insustentável, pode so-

mente desembocar em catástrofes” (#161). A atual crise demanda uma resposta concreta e Papa Francisco nos recorda: “Os efeitos do desequilíbrio atual podem ser reduzidos somente pela firmeza de nossas ações, aqui e agora. Sobretudo se pensarmos na responsabilidade que nos é atribuída diante daqueles que no futuro deverão suportar as terríveis consequências do nosso presente” (#161).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Papa Francisco diz que a Ecologia Integral é a abordagem que relaciona os problemas ambientais, econômicos e sociais. Como você vê essa conexão?
2. Papa Francisco fala da visão consumista do ser humano, e que o ritmo de consumo, desperdício e mudanças do meio ambiente está pressionando de tal maneira a capacidade do planeta, que só podemos esperar mais catástrofes. Como estamos contribuindo com esta situação?
3. Como você vê a conexão entre o destino universal dos bens comuns e a opção preferencial pelos pobres?
4. Papa Francisco afirma que “Solidariedade Intergeracional não é uma opção, mas uma questão de justiça.” O que deve ser feito para garantir um futuro melhor para as gerações que virão depois de nós?



Capítulo 5: Linhas de ações baseadas no diálogo

No capítulo 5, depois de ter apresentado uma visão sobre a realidade do planeta e as causas profundamente humanas da degradação ambiental, Papa Francisco nos ajuda com sua reflexão, sugerindo caminhos que nos “ajude a sair da espiral de autodestruição em que estamos imersos” (#163). Seu enfoque está alicerçado em uma série de diálogos que devem ser implementados: sobre o meio ambiente e a comunidade internacional, para novas políticas nacionais e locais, para transparência nos processos decisórios; entre a economia e a política para a realização humana, entre religiões e ciência. O Papa lida com cada uma destas propostas de diálogo de forma detalhada, fazendo as seguintes reflexões:

O diálogo sobre o meio ambiente na comunidade internacional: Há uma crescente convicção que nosso planeta é uma terra pátria e que a humanidade é um só povo que habita a mesma casa comum (#164), o que deveria conduzir-nos a um projeto comum para o mundo e para a humanidade. Apesar de alguns avanços, ainda existe uma falta de consciência da gravidade da situação (#165-170). O Papa fala de “responsabilidades comuns, que são porém, diferenciadas”, e fala das mudanças radicais exigidas pelas atuais circunstâncias (#170). Ele chama a reforçar os acordos internacionais. São necessárias normas de regulamentação global que imponham obrigações legais e impeçam ações inaceitáveis; é necessário um acordo sobre sistemas de controle para toda a gama dos chamados “bens comuns globais” (#173-174).

Diálogo para novas políticas nacionais e locais: Focar nas questões internacionais já não é o bastante, porém, devem ser identificados os que saem ganhando e os que saem perdendo nas negociações em níveis nacionais e locais (#176). Os governos não deveriam estar preocupados primeiramente com resultados imediatos, movidos por setores consumistas da população, concentrados em crescimento a curto prazo (#178), mas ao contrário, garantir o bem comum com metas a longo prazo. Eles deveriam aprovar leis que promovam o respeito pelo meio ambiente bem como o interesse dos pequenos produtores, preservando os ecossistemas locais (#179-181). Contudo o Papa é muito realista sobre a possibilidade destas metas de longo prazo serem alcançadas e observa que “... a pressão pública tem que ser exercida a fim de gerar ações políticas decisivas” (#179).

Diálogo e transparência nos processos decisórios: Nesta

seção o Papa reflete a questão da corrupção, que pode ser enfrentada através de processos políticos transparentes e participativos (#182). Cada avaliação de impacto ambiental deveria ser realizada de forma interdisciplinar, transparente e independente de qualquer pressão econômica ou política (#182). O Papa convida a um diálogo entre todas as partes interessadas, especialmente as populações locais, e oferece uma série de questionamentos que deverão ser feitos a fim de garantir um desenvolvimento integral (#183-185). Ele ressalta a necessidade do uso do princípio da precaução (#186-187). O Papa comenta que, no caso de forte evidência de grave e irreversível destruição devido a ação humana, “um projeto deve ser interrompido ou modificado, mesmo na ausência de uma prova irrefutável. Aqui o peso da prova é efetivamente o reverso, uma vez que, em tais casos, demonstrações objetivas e contundentes deverão ser demonstradas para provar que a proposta da atividade não irá gerar graves danos ao meio ambiente ou aos que nele habitam” (#186)

Política e economia em diálogo para a plenitude humana: “A política não deve submeter-se à economia, e esta por sua vez, não deve submeter-se aos ditames “eficientistas” do paradigma da tecnocracia” (#189). Política e economia devem estar a serviço da vida, e especialmente da vida humana. A proteção ao meio ambiente não pode ser assegurada somente com base em cálculos financeiros ou pelas forças que movimentam o mercado (#189-190). Não podemos esperar que os que são obcecados pelo lucro irão levar em conta a preocupação com a natureza em seus cálculos (#190). O crescimento ilimitado não é a solução para todos os nossos problemas, precisamos ser mais criativos e investir no desenvolvimento sustentável (#192-194). “...Chega a hora de aceitar que necessitamos a diminuição do crescimento em algumas partes do mundo, de modo a proporcionar recursos para que possa haver um crescimento saudável em outras partes” (#193). O Papa reforça o chamado para a responsabilidade em todos os níveis, citando a necessidade da subsidiariedade (#196) e finaliza a seção desafiando os políticos a trabalhar na restauração da sua própria credibilidade, promovendo uma abordagem clara e transparente para os problemas atuais, limitando o espaço onde o crime organizado possa atuar (#197).

As religiões no diálogo com a ciência: A vida não pode

ser totalmente explicada pelas ciências empíricas, e as religiões clássicas apresentam reflexões sobre o significado último da vida e podem abrir novos horizontes (#199). Se perdermos de vista as grandes motivações e valores para vivermos em harmonia, valores como o sacrifício e a bondade, nenhuma solução técnica será capaz de preencher esse vazio; os que creem devem viver de maneira coerente com a sua própria fé, e não contradizê-la por suas ações (#200). “A maioria das pessoas que vivem em nosso planeta declara-se seguidora

de uma religião, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem um diálogo entre si, visando também o cuidado para com a natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (#201). O Papa também chama para um diálogo entre as várias ciências e os movimentos ecológicos. “A gravidade da crise ecológica obriga-nos a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que irá nos levar a resultados concretos (#201).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Desmatamento; grilagem de terras; poluição da água; mudança climática; combustíveis fósseis. São estes temas para nós simplesmente notícias comuns, ou são questões vitais levantadas pela Doutrina Social da Igreja para a qual devemos encontrar respostas concretas? Você concorda com o Papa sobre a importância da pressão pública para trazer mudanças nestas áreas?
2. Você está ciente da contribuição da sociedade civil para as questões ambientais? Você está ciente dos resultados de políticas positivas, obtidas no seu país devido ao trabalho das organizações da sociedade civil?
3. Você acha que é necessário ficar fora da política, para não “sujar as suas mãos”, ou você está convencido de que precisamos participar na vida política, para que possamos ajudar a orientar as escolhas? Como poderíamos imaginar uma política ou economia realmente dedicada à plenitude humana e a promoção da justiça ambiental?
4. Por que muitas pessoas vêem a religião e a ciência em oposição uma a outra? Seria esta uma atitude herdada do Iluminismo? Como a religião e a ciência teriam contribuído para fomentar esta atitude que ambas são irreconciliáveis? Isso é verdade?
5. Por que deveríamos trabalhar por um mundo mais justo, onde os pobres tenham voz, sendo capazes de encontrar sua própria dignidade, adquirindo as ferramentas e conhecimentos necessários para escapar de sua condição?



Capítulo 6: Educação e Espiritualidade Ecológica

As considerações de abertura do sexto capítulo nos apresenta o tema, no típico estilo do Papa Francisco “muitas coisas devem mudar de rumo, mas antes de tudo é o ser humano que precisa mudar (#202). Ele então traça o início de um percurso.

A primeira seção (#203-208) nos aponta para um novo estilo de vida, encorajando pessoas e grupos a rejeitarem o consumismo, lembrando que “comprar é sempre um ato moral e não somente um ato econômico” (#206). Ele então chama a atenção para a Carta da Terra, expressando a esperança de que “o nosso tempo seja lembrando como o despertar de uma nova reverência perante a vida, pela firme decisão de atingir a sustentabilidade e pela luta em prol da justiça, da paz e pela jubilosa celebração da vida” (#207).

A segunda seção (#209-215) chama a todos a uma educação para formar uma aliança entre a humanidade e o meio ambiente. O Papa declara: “a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica hodierna precisa traduzir-se em novos hábitos” (#209). Ele salienta que a educação ambiental tem ampliado seus objetivos, acrescentando uma crítica aos “mitos” da modernidade e concentrando sua atenção em estabelecer uma harmonia conosco mesmos, com os outros, com a natureza, com outros seres vivos e com Deus. O Papa convoca a uma “ética ecológica” (#210).

Ao mesmo tempo que fala em conversão, o Papa sugere a necessidade de uma ecologia espiritual, alicerçada em nossa fé e na convicção evangélica, para fomentar um cuidado apaixonado pela proteção do nosso mundo (#216). Recordando mais uma vez a figura de São Francisco de Assis, ele propõe uma relação saudável com a criação como dimensão da conversão pessoal total (#218), uma conversão que implica gratidão e gratuidade, uma consciência amorosa de nossa comunhão universal e de que cada criatura reflete algo de Deus. Ele insiste, no entanto, que o esforço individual isolado não resolverá a complexa situação do nosso mundo; nós também precisamos efetivamente das redes comunitárias (#219).

Na seção acerca da Alegria e da Paz (#222-227) o Papa nos encoraja a aprendermos das diferentes tradições religiosas, incluindo a judaico-cristã, que “menos é mais”, acrescentando que “estar serenamente presente em cada

realidade, por menor que seja, abre-nos a maiores horizontes de compreensão e realização pessoal” (#222). “A espiritualidade cristã propõe um crescimento com sobriedade e uma capacidade de se alegrar com o pouco” (#222), certamente ecoando o pensamento de São Francisco.

Uma vida marcada pela simplicidade e sobriedade é libertadora, um modo de viver a vida em plenitude. Ela torna as pessoas capazes de reduzir o número das necessidades, reduzindo a obsessão e a ansiedade, mesmo vivendo com pouco; especialmente quando são cultivados outros entretenimentos e recuperamos a satisfação do encontro fraterno, do serviço, do desenvolvimento dos dons da música e da arte, do contato com a natureza, da oração (#223).

O Papa nos chama novamente à necessidade de estarmos em paz conosco mesmos, uma paz interior que tem muito a ver com o cuidado ecológico por nossa casa comum, porque quando autenticamente vivida, ela reflete um estilo de vida equilibrado aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. “Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a serena harmonia com a criação, refletindo sobre o nosso estilo de vida e nossos ideais, e contemplando o criador, que vive entre nós e nos rodeia com sua presença, que ‘não precisa ser inventada, mas descoberta, desvelada’” (#225). No contexto do amor à criação, o Papa desafia os fiéis a retornarem à prática de agradecer a Deus antes e depois das refeições, para lembrar-nos que nossas vidas dependem de Deus, fortalecendo nosso sentimento de gratidão pelos dons da criação e agradecendo as pessoas que, com o seu trabalho, nos fornecem estes dons, reforçando também a solidariedade com os mais necessitados” (#227).

Na seção 5, vida civil e política (#228-232) o Papa declara que o cuidado para com a natureza faz parte de um estilo de vida que implica na capacidade de viver juntos e em comunhão, fundamentalmente estendendo a “fraternidade universal” a todas as criaturas, até mesmo o vento, o sol e as nuvens (#228). O papa faz um apelo apaixonado: “Estamos no limite da degradação moral, do escárnio da ética, da bondade, da fé e da honestidade. Chegou o momento de reconhecer que a animada superficialidade de pouco nos serviu. Quando os fundamentos da vida social estão desgastados, o que segue

é a batalha por interesses conflitivos, o despertar de novas formas de violência e a crueldade, que impedem o desenvolvimento de uma verdadeira cultura do cuidado para com o meio ambiente”(#229).

Abordando os sinais sacramentais e o descanso celebrativo (#233-237), o Papa observa que “os sacramentos constituem um modo privilegiado no qual a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural” (#235), lembrando a todos que “o cristianismo não rejeita a matéria” (#235). Falando da dimensão cósmica da eucaristia, ele acrescenta que mesmo quando ela é celebrada em um lugar humilde, ela é, de alguma forma, celebrada “sobre altar do mundo”. Ele então desenvolve a ideia de que “o domingo, como o sábado judaico, é para nós como um dia de cura das nossas relações com Deus, consigo mesmo e com o

mundo” (#237).

Na seção 7 (#238-240), apelando para São Boaventura, Papa Francisco fala do aspecto trinitário da criação e desafia a todos a ler a realidade em chave trinitária. A seção 8 fala de Maria como a rainha de toda criação, estendendo a reflexão a São José, o homem justo, como modelo de proteção e cuidado.

A seção 9 (#243-246) chama nossa atenção para a vida que está para “além do sol”, a vida eterna “na qual cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu justo lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados” (#243).

O Santo Padre então conclui com duas orações, uma para todos os fiéis e uma específica para os cristãos.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. Qual é a necessidade mais urgente da nossa sociedade, e o que podemos fazer para educar-nos e aos outros a este respeito?
2. O que podemos fazer, especialmente aqueles que professam o modo de vida de franciscano, para viver de forma mais simples?
3. Com qual “conversão ecológica” você pode comprometer-se hoje?

